

TRÊS NOTAS

O governo da Rússia está convidando muitos comunistas e simpatizantes de várias nacionalidades a visitar o país. Atitude muito diferente da que foi adotada durante muitos e muitos anos: os comunistas estrangeiros só podiam visitar a Rússia quando chamados para alguma reunião, ou com algum motivo especial. Vários brasileiros viajaram a tempo de assistir as comemorações do Primeiro de Maio em Moscou. O último a embarcar, acompanhado de sua senhora, foi o romancista Graciliano Ramos. De Moscou ele irá, como os outros, até à China.

Serão úteis ou perniciosas à propaganda russa essas visitas? Houve uma época, no passado, em que era fácil visitar a Rússia, que depois fechou severamente suas portas, para expurgos internos; e também porque alguns amigos, como Gide, voltaram contrariados.

Um matutino — aliás dos mais estimáveis — está publicando uma série de entrevistas com o comissário Padilha. O mau gosto dessa iniciativa é evidente: trata-se de fazer "cartaz" para um senhor cujo único mérito aparente é a violência com que aje não apenas com as pobres mulheres perdidas mas também contra os namorados comuns.

Já que o chefe de Polícia não impede as tropelias do sr. Padilha, nem as dos policiais que matam e esfolam por aí, poderia ao menos esse bom homem proibir que os comissários dessem entrevistas. Afinal de contas, muito mais indecente que um casal de namorados se beijando e agarrando, é um comissário de Polícia vir dizer coisas assim pela imprensa: "muitas mulheres me consideram um super-homem..."

Um rapaz de vinte e vinte e um anos está na geladeira do necrotério. É a vítima número 37 do desastre de Anchieta. De vez em quando aparece alguém para tentar identificá-lo, mas se retira abanando a cabeça. Ninguém conhece o moço; ninguém, nesta cidade imensa, deu falta dele. Sugestão para o diretor da Central: reclamar o corpo, enterrá-lo com tôdas as honras sob um monumento — "ao passageiro desconhecido".

25.4.52

R. B

21